

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: YVONNE RAINER
25 de Setembro de 2023

JOURNEYS FROM BERLIN/1971 / 1979

um filme de Yvonne Rainer

Realização e Argumento: Yvonne Rainer / Fotografia: Jon Else, Wolfgang Senn, Michael Steinke, Shinkichi Tajiri, Carl Teitelbaum / Som: Larry Sider, Christian Moldt, Dan Gillham / Vozes e efeitos: Helene Kaplan / Direcção Artística: Miranda Melville / Com: Annette Michelson (paciente), Iona Halberstadt (terapeuta feminina), Gabor Vernon (terapeuta masculino), Chad Wollen (rapaz terapeuta), Yvonne Rainer, Ruth Rainero (duas mulheres com gravadores), Leo Rainer (jovem com cão), Cynthia Beatt, Antonio Skármeta (homem e mulher que caminham em frente a igreja berlinense), Amy Taubin (voz feminina, “she”), Vito Acconci (voz masculina “he”), Lena Hyun (voz de rapariga “girl”).

Produção: Yvonne Rainer (Estados Unidos, 1979) / Cópia: em DCP (suporte original em 35 mm), preto e branco e cor, versão original inglesa com legendagem electrónica em português / Duração: 125 minutos / Primeira apresentação pública: 1979, Nova Iorque, Estados Unidos da América / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição em Portugal: Setembro de 1985, Festival da Figueira da Foz / Primeira apresentação na Cinemateca.

“Let’s begin somewhere:

In 1950 a draft for a political criminal law in the Federal Republic of Germany contained the following sentence: ‘the danger to the community comes from organized people.

April, 27, 1951.”

(excerto do texto em *scroll* que abre o filme)

Em 1979 Yvonne Rainer realiza a sua quarta longa-metragem, **Journeys From Berlin/1971**, filme inspirado pela sua própria experiência referente a uma estadia berlinense nos anos de 1976 e 1977, quando as acções terroristas dos grupos de extrema-esquerda estavam no seu apogeu. **Journeys From Berlin/1971** enceta uma poderosa meditação sobre a violência revolucionária, a repressão, a acção dos Baader-Meinhof, mas também sobre a psicanálise. Juntando imagens de exteriores (filmadas em Berlim, Nova Iorque, Londres, Stonehenge, etc.), as vozes de um casal formado por Amy Taubin e Vito Acconci – que conversam integralmente em *off* sobre a revolução e a violência revolucionária enquanto preparam o jantar –, fragmentos de um diário de uma adolescente, e um extenso monólogo representado por Annette Michelson, Rainer realiza um ensaio assente numa justaposição e colagem radical. Começamos pelo início.

Journeys From Berlin/1971 é apresentado como “working title” de um filme que começa com dois minutos a negro e o som é composto pelo ruído vindo de uma casa de banho, seguido pelo diálogo entre uma mulher e um homem a propósito de morangos fora de época. Segue-se o texto citado em epígrafe e as histórias de uma rapariga (que nunca vemos) referentes ao mesmo ano de 1951, acompanhados por imagens de Stonehenge; ou as referências às primeiras bombas colocadas por Hans Baader em 1968 e aos eventos que levaram à construção do muro de Berlim e imagens aéreas do muro.

Esta é apenas uma breve descrição da intensa sobreposição de camadas constituída por imagens e sons de origem heteróclita, na maior parte das vezes de difícil identificação. Tarefa para um exegeta, que exige muito ao espectador, como exigirão muitos dos filmes de Jean-Luc Godard deste período, só para citar um exemplo e uma influência assumida de Rainer. No início dos anos setenta Godard trabalhou com Jean-Pierre Gorin em filmes que corresponderam à fase mais explicitamente politizada da sua obra, em que discutia abertamente como mostrar a política através do cinema (**Vladimir et Rosa** (1971), etc.), a que se seguiram filmes partilhados com Anne-Marie Miéville, a sua mulher, em que continuavam a abordar a questão da política e dos media na sua conexão com as relações entre casais (a série de episódios para televisão em vídeo, **Six fois deux/Sur et sous la communication**, 1976, etc.), de forma mais ensaística ou ficcional.

Journeys From Berlin/1971 alterna os diálogos de cariz mais pessoal entre uma mulher e um homem, os já referidos Amy Taubin, que dá corpo à voz feminina e Vito Acconci, à voz masculina, mas também Lena Hyun na voz da jovem rapariga, elementos entrecortados por “factos históricos” que aparecem escritos ou registados pelas imagens. Este será talvez o filme mais exigente e difícil de Rainer, dado o modo como o texto e os diálogos se prolongam na duração e a complexidade da sua questão central: a discussão em torno da legitimidade da violência como forma de acção em relação directa com a situação política da Alemanha no início dos anos setenta e a acção terrorista do grupo Baader-Meinhof e da sua Facção do Exército Vermelho. Relata-se como se formaram como organização, mas também como foram presos e morreram na prisão. E a todas estas questões junta-se ainda o longo monólogo de uma paciente – representada por Annette Michelson, a importante crítica e teórica e uma das fundadoras da revista *October*, onde na altura o guião do filme foi publicado (ver excerto abaixo). Michelson, cuja representação foi cuidadosamente coreografada por Rainer ao longo de nove meses, contracena com um suposto psicanalista, que só vemos de costas, mas cuja personagem se subdivide em três: um homem, uma mulher e um rapaz (cujas palavras são sempre escassas).

Não obstante uma vertente mais doméstica de algumas das histórias de **Journeys From Berlin/1971**, o fundo é sempre político. Também pela coalescência destas várias dimensões, pensamos na escola de Frankfurt e nas estratégias de montagem empregues nos livros e filmes de Alexander Kluge (a quem dedicámos recentemente uma grande retrospectiva), que em 1978 participa no mais importante filme sobre a situação política alemã desse período, **Deutschland im Herbst/A Alemanha no Outono** (1978), obra colectiva assinada por muitos dos maiores cineastas do novo cinema alemão, entre os quais Rainer W. Fassbinder ou Volker Schlöndorff.

Aqui, a voz masculina e a voz feminina discutem em *off* e discordam sobre a opção pela violência dos Baader-Meinhof, comentam os escritos de Emma Goldman ou de Vera

Zasulich sobre a violência revolucionária e comparam a situação política alemã com a da Rússia pré-revolucionária (associação que voltará noutros filmes de Rainer). Mas mesmo quando discutem as questões mais sérias, o filme e os respectivos diálogos não são isentos de humor, traço a que nos habituou o cinema de Rainer.

Ela: “(...) Sabias que Sartre foi a Estugarda visitar Baader na prisão?”

Ele: Foi quando o Daniel Cohn-Bendit foi com ele?

Ela: Talvez. De qualquer modo, um repórter perguntou-lhe: “Porque visitou Baader e não Meinhof?” e ele respondeu, “Bem, é chamado grupo Baader-Meinhof, não é, e não Meinhof-Baader!”

(Risos...)

Joana Ascensão

A digression for purposes of condensation and explication (this is not part of the script begun on the preceding pages)

"Working Title: Journeys from Berlin/1971 is a semi-quasi-narrative (a perpetually retreating narrative that proceeds as it consumes its own ashes, a narrative that sits on its tale) in which meanings emerge across the interconnectedness of its five "tracks" (image-sound, image/sound, ~~image-sound~~, and image-sound). The five tracks consist of the following:

- (1.) Crawling titles that present historical information about Germany since 1953, culminating in the deaths of Ulrike Meinhof, Andreas Baader, Gudrun Ensslin, and Jean-Carl Raspe in prison in 1976 and 1977.
- (2.) The voice of a young woman reading from the diary kept by an American adolescent girl in the early 1950s. This voice-over is sometimes accompanied by aerial views of Stonehenge.
- (3.) The voices of a man and woman who are never seen. The voices argue and read-argue about terrorism, read from the memoirs of revolutionaries Vera Figner, Angelica Balabanoff, Emma Goldman, Vera Zasulich, and Alexander Berkman, and from a letter by Ulrike Meinhof. The voices also prepare dinner.
- (4.) Images that are illustrative of, contrapuntal, complementary, or totally unrelated to (3.) and sometimes related (complementarily, contrapuntally, etc.) to (5.).
- (5.) An on-camera monologue by a fifty-year-old woman designated "patient" that from time to time becomes a dialogue with a woman, man, or nine-year-old boy, all designated as "therapist."

End of digression.

Yvonne Rainer, "Working Title: Journeys from Berlin/1971" in *October*, Vol. 9. (Summer, 1979), pp. 80-106